

# Disputa pela presidência do Senado

18 OUT 1996  
Se chegar ao plenário, esquerdas serão fiel da balança

por César Felício  
de Brasília

Já se articulam alternativas no Senado para impedir uma vitória tranqüila do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) na eleição da presidência da Casa, que será em fevereiro. ACM, por enquanto, é o franco favorito para a disputa, mas dentro do próprio partido do candidato fala-se no nome do líder do governo na Casa, Elcio Álvares (ES), para evitar uma guerra em plenário com o PMDB.

O PMDB, por sua vez, terá uma reunião de bancada na próxima semana para acertar duas coisas: em primeiro lugar, que o candidato escolhido pela bancada levará a sua pretensão até o fim, mesmo disputando com ACM em plenário, se necessário. Em segundo lugar, os senadores da legenda vão cobrar do presidente do Senado, José Sarney (PMDB-AP), uma posição de defesa do direito de o partido ficar com o cargo no próximo ano.

“É uma praxe da casa, que jamais foi descumprida em toda a história do Senado, que o partido com maior bancada tem direito de escolher o presidente”, afirmou o líder da bancada, Jáder Barbalho (PA), candidato declarado à presidência do Senado, que classificou como “predatória” a estratégia de seu rival pefelista de cooptar senadores da bancada para o



Elcio Álvares

PFL, para fazer o PMDB perder a condição de maior bancada, iniciada há algumas semanas com a defeção do senador Gilberto Miranda (AM) das fileiras pemedebistas.

Nesse sentido, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) deu até a pista de onde poderá haver alguma negociação com o PFL. “Um acordo de cúpula entre os dois partidos

é até factível. O que é um insulto para o PMDB é uma articulação para roer o partido pela base.”

O senador baiano passou a ser visto como favorito depois da saída de Gilberto Miranda do partido. Ainda sem legenda, o senador amazonense não faz questão de esconder que a sua entrada no PFL é apenas uma questão de tempo. O presidente licenciado da legenda, Jorge Bornhausen, o presidente em exercício, José Jorge, e o líder no Senado, Hugo Napoleão, ensaiaram a possibilidade de vetar o ingresso de Miranda, mas recuaram diante da reação violenta de ACM.

Se ACM disputar no plenário com Jáder ou Íris Rezende (GO), que são os dois pré-candidatos no PMDB, será de fato algo inédito na história do Senado. Como PMDB e PFL têm bancadas praticamente idênticas (23 e 22 senadores, respectivamente), eles vão ter de batalhar o voto dos outros partidos.

Ninguém sabe como votará o PSDB (12 senadores) e o PTB (4). O PPB, com cinco senadores, tende a apoiar ACM. Diante dessa indefinição, a oposição no Senado (11 senadores) pode se tornar o fiel da balança na disputa. Os 5 senadores do PT já acertaram com os 3 do PDT, os 2 do PSB e o senador Roberto Freire, do PPS, a formação de um bloco, para vender caro o apoio. Como a opção ACM já foi descartada, eles tentarão negociar a presidência de comissões permanentes da Casa com o candidato escolhido pelo PMDB. É uma incógnita, nesse caso, como fica o relacionamento dentro da base governista no Senado. “O que é certo é que o diálogo entre os partidos do arco de alianças do governo aqui dentro vai ficar muito, muito ruim”, disse Jáder. É neste momento que alguns senadores acreditam que o presidente Fernando Henrique Cardoso pode interferir para beneficiar o seu líder na Casa, Elcio Álvares. “Tenho sido procurado por senadores de todas as correntes e partidos. Meu nome tem caráter suprapartidário. Mas só posso falar como candidato quando abandonar a condição de líder e a data da eleição estiver mais próxima. Não sou bobo de ficar falando agora”, afirmou Álvares.

Nos últimos dias, ACM e Álvares estiveram em encontros reservados com Fernando Henrique Cardoso, até o momento ausente na disputa no Senado. O líder do governo saiu com a impressão de que “o presidente só irá interferir em último caso”.

GAZETA MERCANTIL